

PLATÃO E OS SOFISTAS: UM AMIGO DE SÓCRATES, PRÓDICOS DE CÉOS

Alonso Tordesillas*

SÍNTESE – Este artigo examina os fragmentos de Pródicos de Céos e suas possíveis ligações com a filosofia de Sócrates.

PALAVRAS-CHAVE – Pródicos de Céos. Sócrates. Platão. Sofistas.

ABSTRACT – This article analyzes fragments of Prodicus of Ceos and his possible connections with Socrates' philosophy.

KEY WORDS – Prodicus of Ceos. Socrates. Plato. Sophists.

Os poucos fragmentos que subsistem de Pródicos de Céos não permitem reconstituir uma teoria do sofista que articularia suas pesquisas em matéria de linguagem com suas posições filosóficas e éticas. As linhas que seguem gostariam, simplesmente, de sublinhar a importância da conexão desses três domínios na investigação de Pródicos e verificar se suas pesquisas podem ser ligadas, de alguma maneira, ao modo de proceder de Sócrates, tal qual Platão apresenta em seus diálogos. Malgrado o elogio, talvez irônico, de Sócrates no *Crátilo* – onde este declara estar embaraçado para responder sobre a exatidão dos termos, porque somente seguiu a lição de Pródicos de uma dracma e não a de cinquenta dracmas, o que poderia lhe ter dado um conhecimento completo da questão, deduzindo-se, assim, que Sócrates fora aluno de Pródicos –, o descrédito de Platão em relação a Pródicos tende a considerar as pesquisas lingüísticas deste como simples “manias”, para retomar o termo de Jacqueline de Romilly, e repercute em toda a história da filosofia, já que no volume III de *A History of Greek Philosophy*, em 1969, e de novo na reedição em volume separado de 1971, encontramos, sob a pluma de Guthrie, que, no entanto, contribuiu de forma notável para a reabilitação dos sofistas, fórmulas preventivas a respeito da ética prodiciana, na qual ele vê, tão somente, “banalidades morais elementares”.

* Doutor. Professor da Université de Provence (Aix-Marseille I), França. Este artigo foi traduzido do francês por João Hobuss, professor do Departamento de Filosofia da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas) e atualmente Bolsista CAPES/COFECUB na Université de Provence, Aix – Marseille I.

Embora pouco estudado nos dias de hoje, Pródicos teve, na sua época, uma grande notoriedade. Sócrates diz que ele mesmo seguiu suas lições (*Protágoras*, 341 a; *Mênnon*, 75 e; *Crátilo*, 384 b), e o chama “meu amigo Pródicos” (*Hippias Maior*, 282 c; ver também *Teeteto*, 151 b). A despeito desta notoriedade, salvo o *Apólogo de Heracles*, que Xenofonte relata ou resume nos *Memoráveis* (84 B 2 D.-K.), e uma frase transmitida por Sextus sobre a teologia natural e racional e a origem dos cultos (84 B 5 D.-K.), todos os textos que possuímos de Pródicos lembram sua especialidade: a distinção de palavras próximas consideradas geralmente pelo uso ordinário da língua como sinônimas. Esta especialidade dizia respeito ao estudo da correção da língua, estudo ao qual se consagrava, igualmente, Protágoras, que Platão, no *Crátilo* (391 c) e no *Fedro* (267 c), apresenta como um especialista da *orthotês tôn onomatôn* e da *orthoepéia*, das quais o *Protágoras* dá, a partir de 338 e, uma amostra técnica, relatando a controvérsia que opõe Protágoras a Sócrates sobre a exegese de uma passagem de Simônides; mas enquanto Protágoras parece estar, essencialmente, ocupado com a gramática e, em particular, com o gênero das palavras e os tempos dos verbos, Pródicos, ao contrário, se interessa pelo estudo das palavras de significação vizinha, e precisa, neste estudo do vocabulário, as nuances que distinguem, entre elas, estas palavras dadas por sinônimas, o que toma o nome de *diairesis tôn onomatôn* ou de *akribologia*. Os estudos de vocabulário de Pródicos são de diversas ordens: suas investigações dizem respeito, ao mesmo tempo, a noções principalmente de ordem ética, política, psicológica e à organização dos discursos. É suficiente examinar as intervenções do sofista a propósito do vocabulário, no *Protágoras* de Platão, para se aperceber disto. Uma observação de ordem médica sobre *phlegma* e *blenna*, relatada por Galeno (84 B 4 D.-K.), permite, contudo, ligar as pesquisas linguísticas de Pródicos àquelas de Protágoras e de inscrevê-las no debate sofístico sobre as relações entre natureza e convenção em matéria de linguagem.

No *Protágoras*, em 337 a-c, no interior de uma discussão sobre a arte de dialogar, Crítias toma a palavra para reclamar que o debate se produza, como se deve, diante de ouvintes imparciais. Muito bem, diz Pródicos, imparciais (*koinous*) e não neutros (*isous*), pois é necessário que a atenção dos ouvintes se dirija, de igual maneira, aos discursos das duas partes presentes, sem perder de vista que se trata de um debate, o que implica que não pode haver neutralidade na discussão; com efeito, de um debate entre dois protagonistas, um dos dois deve sair vencedor, e a imparcialidade dos ouvintes consiste em separar os debatedores e, por conseqüência, “acordar mais ao mais hábil, e menos ao menos sábio”, ao que falha mais. Esta separação, que depende de um juízo e de uma avaliação da *performance* dos adversários no diálogo, se inscreve numa determinação do valor (é necessário “dar mais ao mais hábil e menos ao mais ignorante”) que seleciona os candidatos em função de sua excelência no debate, o que Jacqueline de Romilly chama uma “moral seletiva”. Esta primeira distinção de vocabulário concerne à atitude que deve observar o auditório, atitude que depende, ao mesmo tempo, de um reconhecimento das regras que regem os diálogos e de uma posição ética em matéria de juízo. Uma segunda distinção segue a que se refere ao auditório, e

concerne à organização do debate entre os dois interlocutores em função do seu estatuto de parceiros ou adversários. Pródicos precisa, com efeito, que, em se tratando de um debate contraditório, do mesmo tipo do que está em curso no *Protágoras*, ou seja, de uma controvérsia, é conveniente ter uma discussão amigável: discutir (*amphisbêtein*), ter uma discussão inamistosa, e não disputar (*erizein*), o que é apenas uma outra forma de querela. O *Mênon*, 75 c-e, onde Pródicos é citado, faz eco a esta distinção, quando Sócrates exprime, a propósito da definição da figura, sua posição a respeito do que deve ser uma discussão:

Se eu me encontrasse na presença de um destes hábeis (*sophôn*) que somente procuram disputas (*eristikôn*) e combates (*agônistikon*), eu lhe diria: “Minha resposta é o que ela é; e se eu me engano, cabe a ti falar e refutar”. Mas quando dois amigos, como tu e eu, estão dispostos a dialogar (*dialegesthai*) um com o outro, é necessário fazê-lo com maior indulgência nas suas respostas, e de uma maneira mais conforme à conversação dialética (*dialektikôteron*).

Numa discussão entre amigos, numa controvérsia, é possível admitir que o interlocutor se retome [se recupere], e é a benevolência que se produz, enquanto numa querela não existem, propriamente falando, dois interlocutores, mas dois rivais, dois adversários, dois inimigos, que se atêm às regras formais da progressão dos enunciados, aos termos estritos das questões colocadas, e não deixam passar nada um ao outro, razão pela qual Pródicos, nesta passagem do *Protágoras*, exorte Protágoras e Sócrates a discutir entre eles e não disputar, pois esta é a única condição que permitirá que a discussão cresça em beleza até atingir a mais alta perfeição. É em torno da questão do *kalos* e do *agathos* que se joga a perfeição (*kalliste*) da reunião (*sunousia*), na medida em que haverá correspondência entre a qualidade dos oradores e a qualidade do auditório. Numa reunião que responde às regras da dialética, os intervenientes, enquanto oradores, receberão do público, enquanto composto de ouvintes, as marcas respectivas do estatuto do debate. Assim, numa discussão amigável, que é a forma da boa discussão, os que discutem, os oradores, recebem dos que escutam a consideração (*eudokimoite*), não o louvor (*epainoisthe*). Eles recebem a aprovação relativamente à maneira pela qual foi conduzida a discussão e à maneira pela qual o vencedor venceu, mas nunca o louvor (*eudikomein-epaineisthai*). Enquanto a aprovação e a consideração residem, diz Pródicos, no foro interior dos ouvintes, dependendo de um sentimento sincero, não envolvem engano, o louvor pode ser enganador (*apatês*), pois, com efeito, o louvor seguidamente é o caso das pessoas que, por palavras mentirosas, dissimulam suas opiniões e não mostram suas convicções, das quais eles se distanciam ao pronunciar. Da mesma maneira que no plano dos oradores a benevolência é a medida do debate amigável, a sinceridade é a medida pela qual se afe-re a apreciação do juízo dos ouvintes. Além do mais, o *quiasma* oradores-ouvintes, é reforçado pela continuação da intervenção de Pródicos. Se os oradores, enquanto oradores, quando se atêm a uma discussão e evitam a disputa, têm a vantagem de receber a estima dos ouvintes, os ouvintes, na presença de um debate amigável, encontram neste, “no mais alto grau, a alegria, antes que o prazer”. Aqui

Pródicos opõe *euphrainesthai* a *hedesthai* e separa a alegria ou a felicidade que se pode experimentar ao aprender, em se instruindo e em participando à inteligência (*phronesis*) somente pelo pensamento (*dianoia*), pela interiorização de conhecimentos, do prazer, que está ligado ao corpo, e é antes o fato de quem nutre ou sofre alguma outra sensação ou emoção agradável que somente o corpo pode experimentar. A articulação entre a sinonímica e a ética é, então, perfeitamente marcada nesta passagem, e a distinção entre *euphrainesthai* e *hedesthai* não instaura somente uma hierarquia moral entre os diferentes prazeres, do mesmo modo que retomará, por sua conta, Platão, como estabelece, com brio, Jacqueline de Romilly, mas insiste sobre a diferença entre *terpsis* e *hedone*, quando se trata do que é induzido pelo discurso.

O mesmo acontece com as outras distinções de conotação moral ou psicológica que são desenvolvidas por Platão na continuação do texto, no espírito da sinonímica de Pródicos, que se trate, na ocasião da discussão entre Sócrates e Protágoras, dos versos de Simônides, da distinção entre querer e desejar (*boulesthai* e *epithumein*) ou entre ser e devir (*einai* e *genesthai*), ou ainda aquela distinção, e é neste momento em que o nome de Pródicos é citado, entre agradável ou aprazível, delectável e regozijante (*hedu*, *terpnon* e *kharton*), distinção eminentemente ética, que Pródicos usava frequentemente, como confirma o testemunho 84 A 19 D.-K., que junta o testemunho de Aristóteles e o *Comentário aos "Tópicos" de Aristóteles*, de Alexandre de Afrodísias, que Mario Untersteiner completa por um escólio ao *Fedro* de Platão (267 a): "Este [*scil.* Pródicos] inventou a exatidão dos termos, por exemplo a diferença entre o deleite, a alegria e a satisfação serena [ou o contentamento sereno]: o deleite é o prazer procurado pelas orelhas, a alegria, o procurado pela alma, o contentamento sereno, o procurado pelos olhos" (84 A 19 Unt.).

Não há lugar para analisar em detalhe, no âmbito deste artigo, o conjunto de distinções que pode ser encontrado sob o nome de Pródicos, ou no espírito de sua sinonímica. Jacqueline de Romilly as repertoria no artigo ao qual já nos referimos diversas vezes, e Jean-Paul Dumont estabelece a tabela de opostos delas. Estes textos se encontram, na sua integralidade, na coleção de Herman Diels e Walther Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, no número 84 de A 13 a A 19. Trata-se, por exemplo, da distinção entre temor e pavor (*Protágoras*, 358 d), que Sócrates reagrupa sob a denominação comum de "espera do perigo", mas que Pródicos separa em dois tipos de temor: a apreensão (*deos*) e o medo imediato (*phobos*), aceitando, a propósito da coragem, a primeira, enquanto que não exclui a valentia, e recusando a segunda, que pode conduzir à covardia. E sempre a propósito da coragem, Sócrates distingue, à maneira de Pródicos, coragem e ousadia, distinção que lembra a do *Laques*, 197 b, onde Pródicos é mencionado, relativamente à distinção entre ausência de temor e coragem, a qual é, por seu turno, acrescida por duas outras: coragem e previdência, de um lado, temeridade, audácia, ausência de temor e imprevidência, de outro. Outras distinções podem igualmente ser evocadas: termo e limite (*Mênnon*, 75 e = A 15), agir e fazer (*Cármides*, 163 d = A 18), aprender e compreender (*Eutidemo*, 277 e = A 16).

O importante é notar, de uma parte, que a maioria dos contextos nos quais estas distinções são introduzidas nos textos de Platão indica que se trata de efeitos do discurso, e de outra parte, e além do mais, como o observa ainda Jacqueline de Romilly, que a linha de demarcação entre as categorias éticas propostas decorre de uma distinção entre conceitos racionais e atitudes que não manifestam, não necessariamente, racionalidade. As distinções de linguagem são distinções de razão, como a distinção entre a coragem lúcida e a audácia cega, ou entre o temor raciocinado e o terror. As pesquisas conduzidas a partir de um estudo sobre o uso e a etimologia visam ao emprego da palavra justa quando havia escolha, com o aporte de novas nuances, se necessário, para alargar o sentido, e à criação de novas palavras quando é o caso, o que é igualmente o caso de Górgias, como lembra Aristóteles, e como o de Protágoras. Não se trata, para Pródicos, de procurar evitar o mal-entendido e a ambigüidade, pois não são palavras que não possam, em determinado momento, ser empregadas uma pela outra, mas de insistir sistematicamente sobre o emprego de uma só palavra para uma só coisa, de maneira que é, a termo, o princípio mesmo da relação na linguagem que serve de modelo à relação ou à relatividade no universo. É porque as diversas atitudes dos indivíduos, de diversas matizes, policromas, requerem, para serem descritas, novas palavras, que são palavras compostas, da mesma maneira como em Antiphon. As nuances são então fornecidas pela composição, e esta é a preocupação mesma da *orthoepéia*, termo, ele mesmo, composto, e tão original, que o *Fedro* de Platão considera designar o novo ensinamento de Protágoras (267 c). Isto vale igualmente para a *orthologia* do *Sofista* (239 b) e para a *akribologia* que se atribui a Pródicos: “os compostos surgem, conclui Jacqueline de Romilly, seja para novas noções, seja para noções que a nova precisão do pensamento, nas suas aplicações ao discurso, vêm renovar”.

Além destas distinções de vocabulário e sua função na argumentação dos discursos, é necessário acrescentar que as distinções de Pródicos se referem, na maior parte do tempo, a noções que pertencem à vida política ou judiciária. Estabelecer que o defensor ou o réu, que o acusador ou o acusado, entram numa categoria ou na outra, como o mostra, com emulação, a *Defesa de Palamedes* de Górgias, é um meio eficaz, na luta oratória, para fazer sua tese ser admitida. Um exemplo particularmente esclarecedor deste procedimento é encontrado em Antiphon: se Antiphon distingue a falta religiosa (*asebema*) da simples falta (*hamartia*), e se ele opõe, no caso de uma morte, à má sorte (*atukhia*) à infelicidade (*hamartema*), é que estas categorias permitem modificar, com a ajuda de distinções de vocabulário, a maneira, ou a perspectiva, sob a qual o ato [incriminado] em questão pode aparecer, assim como o juízo que se pode fazer sobre ele e, ao mesmo tempo, se encontra demonstrado como as figuras de retórica dão sua força à argumentação. Sócrates se lembrará disto na *Apologia* de Platão, insistindo, ele também, sobre a acusação de impiedade como sendo uma falha eventual, e não como uma falta religiosa, e precisando, ao longo de sua defesa, como entender a fórmula que a célebre tradução expressa por: *ninguém é mal voluntariamente*, quer dizer, *ninguém falha por si*. Assim, a mudança e a modificação de uma palavra são um meio de mudar a apreciação e o valor.

Distinguir os termos e mostrar que os interlocutores, as palavras e as atitudes podem ser classificadas nas categorias assim distinguidas, ou nos casos assim precisados, permite, bem entendido, melhor fazer admitir a tese que se defende, e não é sem razão que os sofistas eram, seguidamente, apresentados exclusivamente como mestres da retórica. Estas mudanças não dependem, contudo, somente da prática judiciária, e se as distinções permitem, pela modificação de uma palavra, mudar a apreciação e o valor, é porque o método apresentado sob o nome de sinonímica tem um alcance prático, cujas implicações filosóficas dependem, principalmente, mesmo que não exclusivamente, da ética e da política. Como se viu, os temas abordados pelas distinções de Pródicos concernem essencialmente a três domínios: à ética, à natureza e à teologia. O método utilizado é o do discernimento ou da distinção. E Pródicos se serve deste método para operar, com a maior exatidão possível, mudanças que concernem ao domínio no qual se aplica sua técnica sinonímica. A tabela, estabelecida por Jean-Paul Dumont, das distinções lexicais transcritas por Platão a respeito do método de Pródicos, manifesta claramente que o uso deste método visa a transformar um termo nefasto num termo vantajoso: a (1) neutro ou indiferente (*isos*), (2) disputar (*erizein*), (3) louvar (*epaineisthai*), (4) voluptuosidade (*hedesthai*) como passividade do corpo, (5) desejar (*epithumein*), (6) ser (*einai*), (7) terrível (*deinon*), (8) limite (*peras*), (9) compreender (*xunienai*), (10) não ter medo de nada (*aphobos*) e temeridade (*thrasutes*), (11) imprevidência (*aprometheia*), (12) agir (*poiein*) de maneira desonrada, se opondo e se substituindo termo a termo, (1) imparcial (*koinos*), (2) discutir (*amphibetein*), (3) estima ou consideração (*eudokimein*), (4) satisfação ou contentamento sereno (*euphrainein*), sabedoria (*phronesis*), inteligência (*dianoia*) e instrução (*manthanein*), (5) querer (*boulesthai*), (6) dever (*genesthai*), (7) difícil (*khalepon*), (8) termo ou fim (*eskhaton*), (9) aprender (*manthanein*), (10) coragem e ser corajoso (*andreios*), (11) previdência (*prometheia*), (12) produzir (*prattein*), trabalhar (*ergazesthai*). As outras ocorrências das distinções prodicianas, salientadas por Jean-Paul Dumont em outros autores, participam do mesmo princípio: trata-se, em todos os casos, de produzir uma *metabole*, uma mudança, uma inversão; e mesmo uma conversão de um termo de conotação nefasta num outro vantajoso ou útil. Não se trata, na sinonímica, da procura de uma verdade que poderia ser encontrada por uma maior precisão no campo lexical ou semântico, mas da aplicação do princípio sofístico reivindicado por Protágoras no *Teeteto* e que define a sabedoria e o sábio:

E saber, ou homem sábio, é necessário muito para que eu negue que ele exista. Ao contrário, eis aqui aquele que chamo sábio: aquele que, para qualquer um dentre nós, ao qual parecem, isto é, para o qual são, coisas más, ele faz destas coisas, pela mudança, parecer e ser boas [...] Relembres, com efeito, o exemplo dado no debate precedente: a quem está em estado de fraqueza, parecem – isto é, são – amargas as coisas que ele come, enquanto para aquele que está em boa saúde, o que é – isto é, o que parece – é o contrário. Ora, de nenhum destes dois, não se deve fazer o mais sábio – pois não se pode mesmo fazê-lo. Não se deve também se exprimir em acusador, declarando o doente ignorante porque têm opiniões deste tipo, e o homem em boa saúde sábio porque ele as têm de maneira diferente. Mas se deve operar uma mudança num

dos dois sentidos, pois, destas duas disposições, uma é a melhor. E, da mesma forma, na educação também, se deve operar uma mudança, de uma dada disposição àquela que é melhor. Mas operar uma mudança, o médico o faz com a ajuda de drogas, enquanto que o sofista o faz pelas palavras. Entretanto, não é que alguém que tivesse opiniões falsas, passasse a ter, em seguida, opiniões verdadeiras: pois não é possível ter por opinião, nem isto que não é, nem outra coisa salvo o que se experimenta, e o que se experimenta, é sempre verdadeiro. Mas, na minha opinião, a qualquer um que, sob o efeito de uma disposição penível em que estava sua alma, tinha opiniões adequadas a uma tal disposição, se faz ter, sob o efeito de uma disposição benéfica, outras opiniões, elas mesmas benéficas: representações que enquanto alguns, por inexperiência, chamam verdadeiras; eu as chamo melhores umas que as outras, mas de nenhuma maneira mais verdadeiras.

À maneira da arte de Protágoras, a sinonímica de Pródicos é a arte da inversão da opinião, a arte de transformar, por exemplo, a audácia em coragem, como no exemplo do *Laques*, ou a deleitação corporal em contentamento sereno ou alegria d'alma, como no exemplo do *Protágoras*, pelo viés da sinonímica, da arte da inversão ou da conversão terminológica que permite a um termo nefasto se transformar num termo benéfico, e induz as disposições psíquicas e as atitudes éticas correspondentes. O exame das distinções sinonímicas de Pródicos que nos chegaram permite colocar em evidência este ponto do pensamento do sofista que se esforçou, provavelmente pela primeira vez, em analisar a significação das palavras no uso corrente da língua, para tirar dali implicações filosóficas, o que é manifestado no fato de que os grupos de termos que examina Pródicos dizem respeito, principalmente, ao registro ético. As conseqüências éticas da sinonímica são devidas essencialmente ao fato de que implicavam, como observa Arnaldo Momigliano, a separação de *agathos* e de *kreitton*, e o de *dikaion* e de *sumpheron*, o que implicava, a seu turno, colocar um termo às facilidades dialéticas que levavam à identificação inesperada e retórica de alguns termos em particular, no interior de algumas doutrinas políticas, e relativamente ao direito do mais forte.

A última observação sobre as distinções das palavras concerne ao alcance político destas distinções. No *Protágoras*, em 350 e, Protágoras, a exemplo das distinções de Pródicos, distingue *ischus* e *dunamis*: "eu não concedo, no que me diz respeito, que os potentes sejam fortes, embora reconheça que os fortes sejam potentes"; esta distinção pode ser precisada pela mesma distinção encontrada em Tucídides (VI, 18, 6), que acrescenta *kratos*, para permitir melhor mesurar o que separa a persuasão sofística em matéria política da força brutal em matéria militar, para distinguir, em suma, o império da hegemonia. Um, *arkhein*, manifestando o comando que se impõe pela força e a violência, e a submissão que se obtém pelas armas, outro, *hégemoneuein*, implicando uma superioridade que se obtém pelo consentimento dos outros, como lembra, a propósito de Górgias o *Filebo*: "Eu ouvi Górgias repetir, em todas as ocasiões, que a arte de persuadir ultrapassa em muito todas as outras, pois ela serve a seu império pelo consentimento e não pela força e, de todas as artes, é realmente a mais excelente". Estas distinções e as análises relativas à força e aos perigos do imperialismo ateniense permitem, em Tucídides (I, 75, 2-76), descrever uma evolução histórica possível e dão aos Lacedêmonios o

programa de Alcebiades “consistindo em destruir a *dunamis* de Atenas e a exercer, eles mesmos, a hegemonia sobre a Grécia *ekouses kai ou biai*”. Estas distinções serão retomadas por Isócrates, discípulo de Pródicos como de Górgias que, no discurso *Sobre a Paz*, não cessará de louvar os méritos da hegemonia e as faltas do império. A estrutura política se mede pelo discurso que a produz, de maneira que fazer é, primeiro, falar. A distinção entre *archein* e *hegemoneuein* repousa sobre a idéia de que a *arche* de Atenas, contrariamente a *hegemoneuein*, é uma tirania, o que expõe o *Debate sobre as Constituições*, relatado por Heródoto, e que o aproxima, por vezes, das idéias de Protágoras, segundo o qual tirania e monarquia constituem, num primeiro momento, o objeto de uma distinção, a qual pode, talvez, encontrar um eco nas últimas palavras do mito que Protágoras relata no diálogo epônimo de Platão (322 d); e alhures, como em Aristóteles, a distinção entre o *demos* e o *ochlos* permitirá encontrar um novo nome para esta democracia pervertida, a *ochlocracia*, e, ao mesmo tempo, Aristóteles, procedendo igualmente por distinções, chamará simplesmente *politeia* a constituição na sua excelência, a democracia.

Esta conjugação entre política e linguagem, que se enraíza nos sofistas, se mantém ao longo da constituição da filosofia platônica, e é o método de Sócrates que procede pela pesquisa de definições, supondo que se trate de definições, em se apoiando sobre distinções estabelecidas pelos sofistas. Assim, no *Górgias*, a distinção política que Sócrates opera na sua controvérsia com Pólos, entre os oradores e os tiranos que não são todo-poderosos, repousa sobre o fato de que, se os tiranos não são todo-poderosos, é porque eles não fazem o que eles querem, enquanto fazem o que lhes parece bom (467 b) Esta distinção reside no fato que, de uma parte, só podemos querer um bem e que, de outra parte, a ação dos tiranos pode visar somente a um mal. Encontramos o mesmo tipo de distinção na discussão com Cálicles, onde Sócrates distingue entre melhor e mais forte (489 e). Não estamos em presença da distinção entre *boulesthai* e *epithumein*, cara a Pródicos, entre querer e desejar? É possível encontrar uma distinção similar na *Defesa de Palamedes* de Górgias, onde, pela primeira vez, o motivo é distinguido do móvel, a ocasião da possibilidade, o poder do querer. Sem contar, evidentemente, que o *Górgias* é igualmente uma tentativa de classificação das artes vizinhas em função do louvor interessado que exercem ou não, na medida em que editam regras ou se contentam de aplicá-las. Sobre a base deste duplo critério de diferenciação se constrói a analogia célebre segundo a qual a ginástica é, para a cosmética, o que a medicina é para a cozinha, a legislação para a sofística e a justiça para a retórica (464 a - 466 a). Distinção acrescida por Platão, que precisa claramente que Górgias trata das *ta dikaia*, enquanto Sócrates considera *dike* e *dikaiosune*. Este método será de novo retomado por Platão no *Sofista*, no *Fedro*, no *Político* e no *Filebo*, quando ele relata ou utiliza o método que procede por divisão ou por *diairesis*. Esta *diairesis* que Platão aplica a uma teoria política, a partir de uma análise contraditória dos sofistas, fracassa sobre o plano político pela impossibilidade de estar em conformidade com uma teoria da linguagem que a suporte. O que Jacqueline de Romilly chama os hábitos de Pródicos, e mesmo suas manias, longe de ser uma

obsessão deste sofista, que Sócrates teria razão de zombar, se insere num projeto filosófico sofisticado de envergadura, que diz respeito à ética, à política e à educação: correção da linguagem, vida correta e política eficaz vão conjuntamente.

A *epideixis* de Pródicos sobre Heracles, a qual possui, se não os termos eles mesmos, ao menos o conteúdo, transmitido por Xenofonte, e à qual se refere provavelmente Platão quando ele fala no *Banquete* (177 b), do “bom Pródicos”, que escreveu um elogio em prosa de Heracles, confirma, se necessidade houvesse, a dimensão, ao mesmo tempo, ética e política e o alcance educativo da sinonímica de Pródicos.

No assim chamado *Heracles na cruzada dos caminhos*, Xenofonte relata, pela boca de Sócrates, o que diz Pródicos. Pródicos conta que Heracles, na aurora de sua adolescência, deliberando sobre a orientação que ele iria dar à sua vida, viu acercar-se duas mulheres que encarnavam, uma, a Excelência (*Arete*), a outra, a Depravação (*Kakia*). Cada uma delas louvava seus próprios méritos e induzia nosso herói a seguir a via que ela representava. A Depravação apresenta uma via atraente e fácil, sem fadiga e esforço, que promete a renovação perpétua dos prazeres. A Excelência recomenda um esforço constante, aplicado a todos os domínios e renovado a cada instante, exalta as vantagens da virtude que, à base do labor, do esforço e da fadiga, atrai a estima e o elogio aos que se engajam nesta via, que promete a posse de bens sólidos e duráveis, e não efêmeros e instáveis. As duas vias estão orientadas em direção à felicidade, mas uma toma o caminho dos prazeres imediatos, a outra, mais longa, o do contentamento sereno, não isento de dificuldade. Mario Untersteiner mostrou como o título mesmo de *Heracles na cruzada dos caminhos* estava sujeito à caução, não somente em razão do texto de Xenofonte, mas pelo fato de que, no mito, *hodos* tem um valor figurado, já que as duas vias têm o mesmo fim, que é a vida ela mesma e sua orientação, e que estes não são caminhos que conduziram seja à *arete* seja à *kakia*, como é, por exemplo, o caso em Hesíodo. Não é especificado se ele encontra-se sobre um caminho que desembocaria numa bifurcação e, além do mais, Heracles não avança, ele é representado sentado, de maneira que, segundo Untersteiner, no lugar mesmo onde Heracles delibera, nem o caminho que ele percorreu antes de sentar, nem o que, após estar levantado, ele decidirá tomar, não tem uma significação precisa, e é mesmo provável que Heracles retorne pela mesma via que tinha tomado para vir. A importância da fábula não reside nas vias elas mesmas, mas no *agon* entre *Arete* e *Kakia*, no qual cada uma das mulheres se emprega para atrair Heracles à sua causa. Gilbert Romeyer Dherbey, na linha dos trabalhos de Untersteiner, vê neste Apólogo a valorização de uma “ética heróica” que retoma alguns dos temas maiores da sabedoria ética antiga: a questão da hesitação, e o problema da escolha, dependendo de uma decisão pessoal; o tema da excelência, cujo caminho esta cheio de obstáculos que permitem exaltar a fadiga, o labor e o esforço; a aparição do tema recorrente dos “gêneros de vida”, visando, neste caso, a formação na vida prática e exaltando o modelo ético da virilidade como resultado da educação. Tornar-se virtuoso implica dificuldades que somente o conhecimento da virtude permite superar. O processo, que liga a ética à epistemologia, mostraria

que o homem que, dividido entre a natureza e a lei, escolhe a vida da virtude segue a via natural, na medida em que prolonga e perfaz a vida natural pelo “suor”, o trabalho e a lei, até ultrapassar a própria natureza, subordinando sua vida às normas éticas. Este seria o momento decisivo, do ponto de vista ético, que se expressaria na escolha livre de Heracles diante do assédio das duas mulheres.

Estas linhas interpretativas, por interessantes que sejam, não colocam em evidência a aproximação da sinonímica de Pródicos com a dimensão filosófica das propostas éticas e políticas que procedem dos textos que nos chegaram. Os testemunhos de Platão e de Xenofonte apresentam um traço comum, o da distinção e do discernimento. Além do mais, nos dois casos, nos exemplos que nos dá Platão, e que ele apresenta seguidamente como inúteis jogos de palavras, como na fábula de *Heracles na cruzada dos caminhos*, o leitor se encontra na presença de exemplos de escolha: de palavras, de atitudes, de orientações, de vidas etc. As discriminações operadas são como se, em qualquer nível que seja (a guerra, a política, a moral, a psicologia, a física, a teologia), tratar-se-ia de procurar o que apresenta a solução mais útil e mais benéfica, sendo descartado o aspecto mais nefasto, para escolher deliberadamente o melhor.

Arnaldo Momigliano aproxima a escolha de Heracles da sinonímica de Pródicos, desenvolvendo o alcance da distinção dos sinônimos sobre a filosofia da linguagem e sobre a ética. Ele mostra que as dificuldades, as quais enfrenta Pródicos, e em relação as quais ele tenta, por sua sinonímica, encontrar uma solução têm sua fonte nas dificuldades trazidas à luz por Demócrito. É no debate *physis-nomos* que toma corpo a posição de Demócrito. As palavras não refletem isto que é, porque cada palavra não tem um objeto que lhe corresponde. Segundo Momigliano, Pródicos sustentaria, contra Demócrito, que as palavras, pretensamente sinônimas, indicam sempre coisas diferentes umas das outras, o que explicaria que ele tenha podido ser o autor da Escolha de Heracles: a via da excelência e a da depravação são bem distintas, mesmo que isto não agradasse a um Trasímaco ou a um Cálicles. Tal seria o ensinamento de Pródicos. Não se trata de uma defesa tranqüila das crenças tradicionais, já que, como se pode ver nos fragmentos sobre os deuses (B 5 D.-K.), Pródicos sustenta, por outra parte, posições audaciosas e originais, mas de aplicação, no domínio da vida prática e política, dos recursos da sinonímica. Estas passagens permitem que não se negligencie uma outra consequência da sinonímica do sofista que, se é indicada apenas implicitamente em Pródicos, foi desenvolvida por Antístenes: se a ciência não é nada mais que conhecimento dos nomes, é impossível atribuir um predicado a um sujeito, pois, “se se admite que a cada nome corresponde uma coisa, é possível negar que um nome possa servir de determinação a um outro nome”. O *Heracles na cruzada dos caminhos* apresentaria, então, sob uma forma dramática, uma teoria que talvez Pródicos expusesse, teoricamente na sinonímica, e praticamente noutros escritos, e que sustentaria que o valor da *physis* depende do uso que faz dela o *nomos* que a interpreta. No fragmento B 8 D.-K., que provém do pseudo-Platão, *Eryxias*, 397 e, a um adolescente que lhe perguntava “em qual sentido ele considerava que a riqueza era um bem, e, em qual sentido, um mal”, Pródicos respondeu: “para as

pessoas de uma integridade perfeita, que sabem em quais ocasiões é necessário utilizar as riquezas, ela é um bem, enquanto que, para os maus e os que não sabem utilizá-la, ela é um mal. O mesmo vale [...] para todas as coisas: é necessariamente determinado que o valor das coisas seja equivalente ao valor daqueles que as fazem”, ou para dizer de outra forma: tanto valem os usuários, tanto valem necessariamente, para eles, as coisas. Não se trata aqui de ver uma teoria sobre a relatividade das riquezas ou uma teoria das “coisas indiferentes” que proviria de Demócrito (68 B 165 et 283 D.-K.), mas saber firmemente que se pode bem ou mal usar uma coisa e que, na medida em que se tenha firmeza quanto às distinções, o valor moral escapa à confusão relativamente freqüente entre estes termos nos combates oratórios. Valor e utilidade estão, aqui, além do mais, ligados, como estão na Escolha de Heracles.

Como se sabe, o Apólogo de Heracles, tal qual foi conservado por Xenofonte, encontra-se no interior de um diálogo entre Sócrates e Aristipo de Cireno, onde este último faz profissão do hedonismo, e onde o mestre tenta persuadir o discípulo de que a virtude é mais vantajosa que o vício, recorrendo aos versos de Hesíodo e de Epicarmo, e à fábula de Heracles. O ponto forte da “filosofia” de Pródicos residiria, como expõe Eugène Dupréel, na afirmação de que a virtude é difícil de alcançar, e é inseparável do esforço. Resta que, do ponto de vista da articulação da sinonímica e da ética, o ponto forte do Apólogo de Heracles não reside tanto na indissociabilidade da *arete* e do *ponos* como no laço que une a felicidade ao útil, ao vantajoso e, em última instância, ao benéfico. Os textos que reunimos acima, relativos à sinonímica, advogam em favor desta leitura: no *Protágoras*, 337 b-c (A 13 D.-K.), Pródicos declara, como se pode lembrar, que a conclusão bem-sucedida de uma discussão consiste para os oradores na aprovação (*eudokimein*) dos ouvintes, e para os ouvintes na alegria intelectual (*euphrainesthai*), que é bem diferente do prazer físico (*hedesthai*); no *Cármides*, 163 c (A 18 D.-K.), Pródicos declara que a forma mais “elevada” de atividade é a que visa o útil. Untersteiner, nas passagens recolhidas sob o fragmento B 5, vê na utilidade a causa da civilização e do progresso: do *Mênon*, 87 e - 89 a, resulta uma equivalência prodiciana entre virtude, ciência e utilidade, e do *Eutidemo*, 280 d - 282 d, uma equivalência entre virtude, ciência, felicidade (*eudaimonia*) e utilidade. A fábula de Heracles retomaria o tema da utilidade em matéria ética, notadamente na resposta da Arete ao discurso da Kakia (§§ 30-33). A Arete diz: o que oferece a Kakia é uma felicidade falsa e enganadora, porque seus refinamentos, sua intemperança e sua desmedida, fazem perder a amizade e a estima dos homens, que foram exaltadas no parágrafo 28, e que fazem eco à passagem já citada do *Protágoras*, 337 b-c, enquanto a que propõe a Aretè é autêntica, porque em razão de sua simplicidade e de seu caráter moderado, ela conduz à satisfação serena da honra e da amizade. Em outros termos, a controvérsia entre a Excelência e a Depravação não se refere ao fim a ser atingido e, com efeito, no parágrafo 29, a Kakia define a Arete como a via longa para chegar à alegria, enquanto ela se define como a via curta para atingir o mesmo fim. A dissensão não diz respeito ao fim perseguido e não substitui uma equivalência entre *arete* e *hedone* por uma outra equivalência entre *arete* e

ponos, mas aos meios de alcançá-lo e à utilidade comparada destes meios. Estas passagens sobre a via curta e a via longa permitiram a alguns intérpretes de ler o Apólogo de Heracles numa perspectiva cínica, e Stelio Zeppi, por exemplo, reproduz várias passagens que advogam no sentido de uma moral eudaimonista-utilitarista de origem cínica, mas esta perspectiva transforma necessariamente Pródicos em um moralista, sem levar em conta o aporte particular da sinonímica à sua reflexão ético-política.

Trata-se antes de mostrar, pela distinção entre Kakia et Arete, por meio da noção de utilidade, em que sentido uma é preferível à outra, enquanto mais benéfica, discriminando as características que podem ser aplicadas a cada uma delas. Poder-se-ia também fazer, com tranquilidade, uma leitura exclusivamente política da fábula, mostrando que as características de cada uma destas duas mulheres figuram as características de regimes políticos ou de constituições e que, no final, politicamente falando, trata-se para Heracles de escolher, nos regimes colocados sob o signo do *monos*, entra a realeza ou a monarquia e a tirania, o que tenderia a mostrar que a *epideixis* original de Pródicos foi modificada no texto que relata Xenofonte, para ser entendida numa perspectiva propriamente xenofontiana, como atestam as proposições de Sócrates, que diz que ele não estava em condições de reproduzir o discurso de Pródicos *à la lettre*. A sinonímica permitiria, no quadro desta fábula ético-política, corrigir a opinião concernente à vida do prazer e o regime que lhe corresponde, em favor de uma vida mais benéfica e de uma constituição menos nefasta, pelo fato de o primeiro discurso ser o da Kakia, que é o discurso a corrigir ou a inverter. Esta correção pode ser compreendida no sentido de uma realeza ideal exaltada por Xenofonte, mas que também pode ser compreendida como o estabelecimento de distinções que, fazendo repousar a definição do bem sobre o útil, distinto do agradável, tem por consequência o fato de a eudaimonia depender da capacidade de agir em conformidade com “uma regra de avaliação”, na medida em que toda atividade se avalia em função da distinção entre benéfico e nefasto para um homem de bem, ou seja, para um cidadão digno deste nome. A virtude que louva Pródicos no seu *Heracles* porta, corretamente, o nome de Excelência, já que ela reside, ao final, na capacidade de realizar de modo eficaz o que é mais útil eticamente falando, e o que é mais útil em tal contexto: é sobre o que a cidade está de acordo, quando esta decreta o que é bom e justo. A ética equivale à política e a excelência ética consiste, quando se trata de agir, em bem discernir o que permite, nas circunstâncias presentes, obter, agora e no futuro, o melhor para si, que não é outra coisa que o melhor para a cidade. Lido à maneira da sinonímica, vemos que o tipo de inversão, de conversão ou de correção que Pródicos dá à educação no *Heracles na cruzada dos caminhos*, não é diferente do que reivindica um Protágoras quando se reconhece como mestre da virtude, ou melhor, da *arete politike*. Para Pródicos, como para Protágoras, a virtude pode ser ensinada, mas para Pródicos ela pode ser ensinada, pois depende de uma arte e de um saber técnico que toma, nele, o nome de sinonímica, a arte do discernimento ético e político sobre a base de discriminações linguísticas.

Freqüentemente as distinções sinonímicas de Pródicos foram aproximadas das dicotomias platônicas ou, ao menos, da prática dialética de Sócrates, e a insistência de Pródicos sobre a distinção, até às suas mais ínfimas diferenças, entre termos de sentidos muito próximos tem afinidades com o hábito socrático de perseguir os diálogos com seus interlocutores até precisões últimas sobre o que eles entendem quando utilizam tal ou tal termo, de maneira que, sucessiva e proporcionalmente, se esclarece a utilização de um termo, e algumas confusões são descartadas. É possível pensar que as diferenças são bem claras, se se considera que Pródicos apenas se interessa pela precisão da linguagem, enquanto Sócrates se interessa pela realidade das coisas nomeadas pelos termos empregados, ou que, ao contrário, elas são negligenciáveis, se se considera que a dialética de Sócrates é apenas um outro nome para uma retórica e uma erística benevolentes e é, em primeiro lugar, e antes de tudo, uma prática do diálogo. O que permanece é que o número de alusões a Pródicos nos diálogos de Platão e o reconhecimento do valor técnico das distinções que ele opera tornam difícil negar que não tenha havido uma influência da distinção sistemática sobre a elaboração do que Platão chama dialética, quando ele fala da maneira de dialogar de Sócrates. Não há dúvida de que as distinções de Pródicos se inseriam numa investigação inteiramente ligada às práticas éticas e políticas da cidade. Da mesma forma, não há dúvida de que o exame socrático dizia respeito, em grande parte, a noções que se referiam, elas também, à ética e à política tais quais eram compreendidas pela cidade de seu tempo. O método empregado por Pródicos e os temas que ele retém como os mais pertinentes para este método fazem pensar que a sinonímica fez tábula rasa de um certo número de confusões, fornecendo instrumentos eficazes, sólidos e seguros que poderão ser transportados a outros domínios nos quais a filosofia encontrará seu mel. É provavelmente a razão pela qual Platão apresenta Pródicos como o mestre e o amigo de Sócrates e que, com esta maneira de proceder, Sócrates, e depois Platão, vão polarizar o léxico grego num só sentido, e fazer entrar os diferentes sentidos existentes nos sistemas de sinonímia (*agathos, kalos, dikaios*) e de oposições (*aiskhron, kakos, adikos*) sem zonas neutras e polissêmicas como era o caso antes. Mesmo que Sócrates não pense que seu léxico difere do léxico comum do grego cotidiano, não é menos verdadeiro que é com ele que o uso específico e talvez especial da terminologia moral começa a se especializar, com uma seleção do léxico (se não com invenções linguísticas), e com uma variação na frequência e uma especialização dos sentidos. É também com ele que, nos diálogos de Platão, a dialética começa a mudar de sentido e cessa progressivamente de ser o que era até então, uma arte da discussão, para tornar-se o que não é ainda definido como tal por Platão, mas que marcará o começo de uma outra época da história da filosofia. Mas isto é um outro problema. Contentemo-nos em sublinhar até que ponto a sinonímica de Pródicos, e seus esforços para precisar e regularizar o emprego da linguagem, foram precursores nas clarificações conceituais que intervieram mais tarde, e até que ponto as distinções terminológicas do sofista trouxeram, com Sócrates, e depois com Platão, frutos no domínio ético e político pelas implicações filosóficas que puderam comportar.